

Santuário e Romaria de Nossa Senhora da Piedade, Sanfins do Douro

Sanctuary and Pilgrimage of Our Lady of Piety, Sanfins do Douro

Sanctuaire et Pèlerinage de Notre-Dame de Piété, Sanfins do Douro

Santuario y Romería de Nuestra Señora de la Piedad, Sanfins do Douro

Ana Carolina Cunha
FLUP
up201805889@edu.letras.up.pt

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo estudar a Romaria da Nossa Senhora da Piedade (Sanfins do Douro) e o seu duplo desenvolvimento: no espaço e no tempo. Visa-se, deste modo, compreender a origem e implantação do culto, a par do impulso da sacralização do território que culmina na edificação do santuário, espaço de eleição para o percurso e lugar de chegada da romagem. Desenvolvida a antropomorfização do espaço em resposta a este novo polo devocional, procura-se compreender as dinâmicas em volta do expoente máximo da devoção, as festas em honra de Nossa Senhora da Piedade.

Palavras-chave: Nossa Senhora da Piedade; Sanfins do Douro; Romaria; Dinâmicas do Espaço Sacro.

Abstract: This article aims to study the Pilgrimage of Our Lady of Piety, “Sanfins do Douro”, and its double development: in space and time. In this way, it intends to understand the origin and implantation of the cult, along with the impulse to the sacralization of the territory, bridging in the construction of the sanctuary, an area of election to the pilgrimage. Developed the anthropomorphization of space in response to this new devotional pole, it attempts to understand the dynamics around the maximum exponent of devotion, the feasts in honor of Our Lady of Piety.

Keywords: Our Lady of Piety; “Sanfins do Douro”; Pilgrimage; Dynamics of the Sacred Space.

Résumé: Le présent travail vise à étudier le Pèlerinage de Notre-Dame de Piété, “Sanfins do Douro”, et son double développement : dans l'espace et dans le temps. L'objectif est, de cette manière, de comprendre l'origine et l'implantation du culte, ainsi que l'impulsion de la sacralité du territoire qui culmine dans la construction du sanctuaire, espace de choix pour l'itinéraire et le lieu d'arrivée du pèlerinage. Développé l'anthropomorphisation de l'espace en réponse à ce nouveau pôle dévotionnel vise à comprendre la dynamique autour de l'exposant maximum de la dévotion, les festivités en l'honneur de Notre-Dame de Piété.

Mots-clés: Notre-Dame de Piété ; “Sanfins do Douro” ; Pèlerinage ; Dynamique de l'Espace Sacré.

Resumen: El presente trabajo tiene como objetivo estudiar la Romería de Nuestra Señora de la Piedad, “Sanfins do Douro”, y su doble desarrollo: en el espacio y en el tiempo. Se pretende, de este modo, comprender el origen e implantación del culto, así como el impulso de la sacralidad del territorio que culmina en la construcción del santuario, espacio elegido para el recorrido y lugar de llegada de la peregrinación. Desarrollada la antropomorfización del espacio en respuesta a este nuevo polo devocional, buscamos comprender la dinámica en torno al máximo exponente de la devoción, las fiestas en honor a Nuestra Señora de la Piedad.

Palabras clave: Nuestra Señora de la Piedad; “Sanfins do Douro”; Peregrinaje; Dinámica del Espacio Sagrado

Introdução

O santuário de Nossa Senhora da Piedade tem lugar em Sanfins do Douro, implantado num monte, que se tornará em sacro-monte, encontra-se isolado e sobranceiro à vila. O território em estudo vê-se sacralizado no tempo longo, com sucessivas alterações de dedicação. Como manifestação de fé e devoção, o atual culto tem na romaria o seu expoente, dedicando-se o segundo fim-de-semana de agosto a trazer a público este fenómeno de espiritualidade e purificação, acompanhado de outras experiências vividas no coletivo.

O estudo balizado, entre o século XVII e o presente, procura compreender de que forma as dinâmicas em torno do sagrado marcam o território, permanente e efemeramente, a par das vivências comunitárias em volta do fenómeno devocional.

Neste sentido, será o presente trabalho dividido em quatro partes. A primeira detém-se na compreensão de sacro-monte e da primitiva capela dedicada a Santa Bárbara, enquanto protetora das trovoadas, que vem sacralizar o território. O segundo ponto versa sobre o culto mariano e a alteração da invocação da capela. Neste sentido, surge o principal problema quanto à falta de fontes que sustentem de forma direta o *porquê* e *quando* destas mudanças. Contudo, utilizou-se, a par das *Memórias Paroquiais*, os *Registos de Batismo da Paróquia*, de modo a sustentar uma datação aproximada. O antepenúltimo ponto foca o desenvolvimento do santuário e a antropomorfização do território com o implementar de um percurso ascensional de resposta à peregrinação e ao culto da *via-crucis*. Por fim, estuda-se a romaria em honra de Nossa Senhora da Piedade, enquanto fenómeno devocional, mas também social, a partir dos vários momentos e práticas que assume, no seio da comunidade e no contexto do território.

1. Sacro-monte

A sacralização da montanha acompanha o Cristianismo desde a sua origem, patente nos sacro-montes bíblicos: o Monte do Calvário – “o lugar mais próximo do Céu” (Eliade, 1957:43) –, a principal referência ao fenómeno que lhe será frequentemente associada, a *via-crucis*, mas também os montes Sinai, Carmelo ou Tabor (Almeida, 1994: 95 [nota de rodapé nº1]). Descritos como “d’accidents cosmiques” por A. Dupront (2013: 477), ou “dramatic sites of the landscape” por W. Christian, os montes apresentam-se isolados da urbe, tendo a elevação topográfica e a natureza como elementos favoráveis à aparição do numinoso. Associada à ideia de *axis mundi* a montanha liga o Céu e a Terra,

encontrando-se entre estes. A base é cravada no *mundo de baixo*, toca de algum modo o Céu (Eliade, 1957:42-43) “e marca, por consequência, o ponto mais alto do mundo; daí resulta, pois, o território que a cerca, e que constrói “o nosso mundo”” (Eliade, 1957:43).

Neste sentido, a edificação de capelas ou ermidas nos montes resulta em importantes marcos de sacralização do território. O templo vai *ressantificar* (Eliade, 1957:56-57) continuamente o território, como lugar santo por excelência, representando-o e contendo-o ao mesmo tempo. O monte, como sítio elevado, é entendido na crença do devoto como um diminuir da distância entre a terra e o céu, numa sensação de aproximação espiritual com o Criador (Aleixo, 2014: 5), e o templo como réplica da montanha integra essa ligação. Por conseguinte, funda-se nas regiões inferiores, na base rochosa e eleva-se através da própria edificação, que pode salientar essa ideia de ascensão através de uma cúpula esguia, como veremos posteriormente.

Os afloramentos rochosos estão, segundo Carlos Alberto Ferreira de Almeida, entre os aspetos favorecidos pelo romeiro (Almeida, 1984: 79). Estas peculiaridades levam a ações e itinerários que o Homem cria, atribuindo-lhe significações, por vezes, associando-lhe lendas, “permitindo um conjunto de vivências que os passam a unir a esse ambiente” (Almeida, 1984: 79). Deste modo, o culto das pedras - penedos de formas ou posições insólitas, ou grandes afloramentos - dá-se pela sua existência ambígua. Delas podem brotar coisas boas, sendo frequentemente palco de *hierofanias* e estando na origem de divindades, conferindo-lhes, por exemplo, propriedades divinatórias, ou, em oposição, recebem associadas as entidades do mal. Neste sentido, estes elementos requerem uma especial sacralização, conseguida por meio de cruces e outros símbolos *amuletifomes* gravados em penedos com a finalidade de proteger e exorcizar o território.

No sacro-monte de Sanfins do Douro, a primitiva capela implantou-se sobre as muralhas de antigo castro¹, o que pode ter favorecido a eleição do lugar, sendo esta escolha frequentemente movida pela associação ao monte de lendas de antigas povoações ou castelos que enobrecem o local.

Em 1646 é edificada uma capela em honra de Santa Bárbara (Penteado, 2000: 172), protetora contra os malefícios das trovoadas e tempestades. Erigida na Serra do Vilarelho, com vista elevada sobre o centro urbano da vila, povoados envolventes e

¹ Ver Capela de Nossa Senhora da Piedade/Santuário de Nossa Senhora da Piedade. (SIPA) Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. Disponível http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=11988. Acesso: 16 junho 2022.

avistando ao longe as Serras do Marão, da Cabreira, de Leomil (Noé, 2008), a escolha de tal invocação terá recaído na proteção que esta oferece, visto tratar-se de uma comunidade cuja economia assenta na agricultura. “[...], nos locais ditos Ladários, aonde iam as procissões, habitualmente penedos ou outeiros, as constituições episcopais e os visitantes impõem a construção de capelas [...]” (Almeida, 1979: 165).

“Os clamores, por voto ou motivados por circunstância de aflição, foram, desde a Idade Média e até aos nossos dias, uma das mais frequentes vivências de “religião local” populares e eruditas” (Almeida, 1994:102), pelo que até ao presente a imagem de Santa Bárbara continua colocada sobre a porta principal (foto 1), lembrando a primitiva devoção e conferindo proteção aos devotos.



Foto 1- *Santa Bárbara*. Fonte: A autora.

2. Culto Mariano – Nossa Senhora da Piedade

O culto mariano é amplamente difundido na Idade Média em virtude de uma necessidade crescente de justificar a origem humana de Jesus Cristo, apoiando-se para tal no culto de sua mãe, Maria, Nossa Senhora. Também a sua devoção pode ser percebida a nível antropológico pela projeção do humano em Maria, na simplicidade “assente nos arquétipos maternos” (Ramos, 2016:47). Vista como intercessora privilegiada junto de seu filho, esta é invocada e cultuada como protetora de males e aflições. Desta forma, prolifera o surgimento de novas denominações e multiplicam-se os santuários e capelas de invocação mariana, destacando-se no panorama nacional (Sanchis, 1983, p.56 citado por Pereira, 2019: 200).

O culto a Nossa Senhora em Sanfins do Douro, a existir, não seria de grande expressão antes e após 1642. Não aparece mencionado no *Santuário Mariano*, obra de

Frei Agostinho de Santa Maria (1712), que se dedica à recolha sistemática de histórias de imagens milagrosas que levam à fundação de locais de invocação mariana em Portugal assim como no espaço de influência do reino, da Índia ao Brasil.

A primeira referência documentada de devoção a Nossa Senhora, no local, aparece nas *Memórias Paroquiais* de 1758. Indica a existência de uma Capela dedicada a Nossa Senhora do Pé da Cruz, à qual “Acode gente de romagem pela maior parte do ano” (Capela, 2006). Todavia, esta não seria ainda de grande afluência, uma vez que o estudo coordenado por Viriato Capela relativo às freguesias do Distrito de Vila Real nas *Memórias Paroquiais*, indica que no concelho de Alijó “as devoções e invocações de maior irradiação e concorrência regional” (Capela, 2006) seriam a romagem a Nossa Senhora do Pópulo e à capela de Nossa Senhora dos Remédios, em Vila Chã da Montanha.

Levantam-se, deste modo, as seguintes questões: quando se dá esta passagem de culto a Santa Bárbara para Nossa Senhora do Pé da Cruz? E porquê? Quanto à primeira não foi possível estabelecer uma data mais precisa, apenas apontar que esta mudança terá sido anterior a 1758, indicando pela romagem que recebe que esta estaria já estabelecida. Quanto ao *porquê* não é possível indicar o motivo, uma vez que as fontes nada referem. É, contudo, de relevar a crescente afirmação devocional à Virgem, uma vez que também a Igreja Matriz o assume, passando Nossa Senhora da Assunção a ser padroeira da paróquia. Paralelamente, verifica-se para os séculos XVII e XVIII um aumento de culto ao Calvário (Rocha, 1992: 65), temática da paixão e morte de Cristo à qual a invocação – *do Pé da Cruz* – pertence. Vêm-se, deste modo, associadas as duas grandes devoções do período, o sempre afirmado culto a Nossa Senhora a par do Calvário.

Na atualidade, no espaço anteriormente tratado, presta-se culto a Nossa Senhora da Piedade. Uma vez mais se levanta a problemática da mudança de foco de culto e da sua posição no tempo. A génese deste pode-se relacionar com a atividade económica predominante, a agricultura, tendo para tal em conta a interpretação avançada por Joaquim Romero Magalhães:

“A Senhora da Piedade, desde cedo – talvez logo no século XVI – Passou a ser especialmente venerada pelas populações dos campos. Pediam-lhe piedade e, sobretudo, misericórdia. E a misericórdia que mais solicitavam era a de água em tempo de seca” (Magalhães, 1985, p.4 *apud* Aleixo, 2014: 6)

Apesar da mudança de denominação, a invocação mariana permanece, verificando-se uma passagem quase sequencial, da mãe que sofre no pé da cruz onde o seu filho é crucificado, para a mãe com o seu filho morto nos braços.

Novamente se impõe a falta de registos que demonstrem e periodizem a assunção de uma nova invocação, pelo que talvez os *Registos de Batismo* da paróquia de Sanfins do Douro possam ser a fonte mais precisa, permitindo balizar a dita mudança, como sustentado pela afirmação de Carlos Alberto Ferreira de Almeida, “A onomástica é, sem dúvida, um esplêndido meio para conhecer as devoções mais prediletas do tempo” (Almeida, 1979:159).

Deste modo, procurou-se fazer a pesquisa dos nomes de todas as crianças nascidas na paróquia a partir de 1815. Esta data é apontada na entrada sobre a capela no *SIPA*² como sendo a da encomenda de uma imagem de Nossa Senhora da Piedade, para a qual não se indica qualquer sustentação documental (Noé, 2008). Neste sentido, verificou-se que de 1815 a 1833, dos 1919 batismos, 490 foram de indivíduos do género feminino, e nenhum toma o nome de Piedade ou Maria da Piedade. Desta forma, apreende-se que, a existir já uma imagem e referente culto a Nossa Senhora da Piedade, este não estaria ainda estabelecido entre a comunidade.

Por sua vez, na mesma fonte, para os anos compreendidos entre 1833 e 1843, entre as 273 crianças do género feminino, nascidas e batizadas na paróquia, três delas recebem o nome de Maria da Piedade, sendo a primeira de 1836, pelo que se subentende que a devoção era já de predileção entre os paroquianos.

3. Santuário

“Se há em verdade sítio apropriado para se erigir um altar á Mãe de Deus, é a culminância de um monte, porque Ela Mesma é, com disse Ruperto, Mons Montium, montanha de pureza, de santidade e de misericórdia, o monte dos montes, a virgem das virgens, Virgo virginum, a santa dos santos, Santa sanctorum” (Aleixo, 2014: 5)

A afirmação e abrangência do culto vai levar, por inerência, ao desenvolvimento do santuário, e conseqüente antropomorfização da natureza, relembrando que este se insere num monte que vem a ser sacralizado desde o século XVII.

² Ver Capela de Nossa Senhora da Piedade/Santuário de Nossa Senhora da Piedade. SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico). Disponível http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=11988. Acesso: a 16 junho 2022.

O termo *Santuário* designa um templo ou lugar sagrado que, não sendo a igreja-paroquial, se encontra, por norma, exterior ao povoado, “no meio da natureza, em locais de grande alcance paisagístico e propício ao encontro entre o homem e o sagrado” (Penteado, 2000: 346). A partir desta premissa e tendo em consideração o primeiro ponto, no qual se desenvolve o conceito de *sacro-monte*, se percebe que a convergência de ambos, podendo ser o monte sacralizado por um templo, ou, como no caso, sacralizado por uma capela que diacronicamente, evolui para um santuário.

Neste sentido, assume-se com uma certa grandeza arquitetónica e resulta num ponto de confluência de peregrinação, no qual se venera, com particular devoção, a imagem de uma santidade, seja ela Jesus Cristo, a Virgem ou os Santos, através dos quais se atribui o caráter sacro ao local (Penteado 2000: 164).

Distando cerca de 100m da povoação e a uma elevação de 737m, encontra-se a capela principal do santuário que expõe Nossa Senhora da Piedade. O templo apresenta-se de planta octogonal, com o interior em cantaria e uma pronunciada cúpula também ela de alvenaria. O interior (foto 2) é dominado visualmente pelos três retábulos de talha dourada, os laterais expondo São Pedro e São Paulo, os pilares da igreja e ao centro a escultura da *pietà*. Segundo as Memórias Paroquiais, a capela dedicada a Nossa Senhora do Pé da Cruz era “obra romana, com três altares” (Noé, 2008), pelo que se coloca a possibilidade de se tratar da mesma capela, ou de esta preservar características semelhantes à sua antecessora. Na fachada, sobre a porta principal ocupa o nicho Santa Bárbara, cujo culto não desaparece, pelo que a primitiva devoção se prolonga até ao presente.



Foto 2 - Interior da Capela. Fonte: A autora.

O surgimento do santuário de Nossa Senhora da Piedade é já tardio, do século XIX, cronologicamente posterior³ ao Santuário de Bom Jesus do Monte, ou ao de Nossa Senhora dos Remédios, em Lamego, sendo estes dois grandes centros de peregrinação, situando-se na sede do arcebispado, um e o outro a sul do concelho. Ainda que no presente caso de estudo não se possa comparar com os anteriores a nível de erudição arquitetónica, escala ou afluência, acompanha-os no fenómeno de *novas Jerusaléns*, demonstrando a já mencionada preferência de peregrinação a montes.

A disseminação deste tipo de devoção sustenta-se, segundo German Bazin, na impraticabilidade, para a alargada maioria, de se deslocar à Terra Santa, o que levou à construção de novas *Jerusaléns*, como forma de substituição do original lugar do Calvário em Jerusalém, classificada pelo autor como “peregrinação de substituição” (Bazin, 1971: 206). Este “[...] culto do caminho da cruz erigido em pedra, teve larga aceitação no país proliferando, principalmente, nas regiões centro e norte” (Massara, 1988: 28), e o mesmo se verifica no presente santuário mariano.

O isolamento da capela face ao centro da vila propicia longas procissões e peregrinações. Caraterizado pela sua penosa subida, o percurso de ascensão ao sacromonte aproxima o comum do cristão à dolorosa subida ao Calvário. O crente sai do seu ambiente quotidiano, faz a viagem, regra geral a pé, pela dureza que acresce, para assim encontrar-se com o sagrado. “O acto de peregrinar necessita de um percurso, cuja distância represente, ao menos, uma jornada e dum certo espaço temporal” (Almeida, 1984: 81 [nota de rodapé nº21]). Neste sentido surge, ou antes, afirma-se, o percurso ascensional, tendo início no centro urbano, ao lado da igreja paroquial e terminando junto da capela. O percurso vai-se afirmar na paisagem, na medida em que antropomorfiza a natureza, para criar uma estrada *zigzagueada* e de forte pendente, hoje empedrada, que guia o peregrino ao encontro do divino.

“Não raras vezes é toda a montanha que se prepara para receber a representação do drama da Paixão, [...]” (Almeida, 1984: 66)

Assim, entre 1865 e 1886, são-lhe então acrescentadas as quatro capelas, integrantes da *via-crucis* (foto 3) dedicadas aos últimos acontecimentos da vida terrena de Cristo. De planta hexagonal, as capelas são herdeiras da linguagem plástica da capela

³ Ambos com início no século XVIII, tendo-se prolongado, no caso do santuário lamecense, pelos séculos XIX e XX.

principal, todavia a sua ordem de construção não é devedora da posição que ocupam no percurso, pelo que primeiro, em 1865, se edifica a mais próxima ao topo (foto 4), seguida, quinze anos mais tarde, da que a antecede. Contudo, as seguintes não seguem a mesma sequência, erigindo-se em 1885 a mais próxima à povoação e por último a segunda, um ano mais tarde. Estas virão dar abrigo, em data não certa, a representações do Pretório de Pilatos, da crucificação, de Cristo crucificado, ladeado por S. João, M^a Madalena e a Virgem e do *descimento da cruz*, assumindo uma ordem cronológica face ao percurso. Cada uma das cenas narra o episódio versado, detendo-se os peregrinos, penitentes, vivendo a dor sofrida por Cristo.

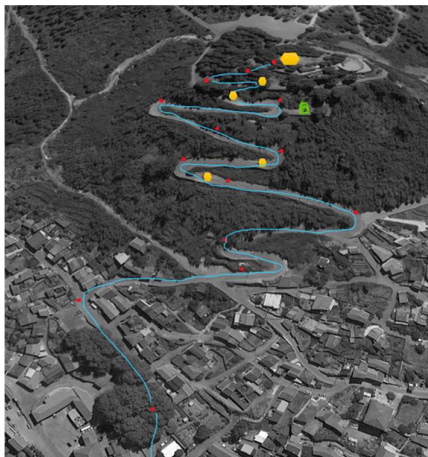


Foto 3 - *Via-crucis*. Amarelo: Capelas; Vermelho: estações; Verde: Gruta de Nossa Senhora de Lourdes. Fonte: A autora.

Foto 4 - *Quarta Capela de 1865*. Fonte: A autora.

Deste modo, a narrativa da paixão de Cristo não termina na quarta capela com a descida da cruz, mas é prolongada para a capela principal com a cena que lhe segue, a mãe com o filho sem vida em seus braços, a *pietà*.

A meio percurso, o devoto encontra uma gruta dedicada a Nossa Senhora de Lourdes, novamente um culto mariano, que dá conta da multiplicidade de invocações latentes no santuário, sendo todas elas coevamente cultuadas. Tendo em consideração a inscrição que se encontra na superfície rochosa, na parte superior direita da gruta⁴, na qual se indica o ano de 1906, permite apontar a data de colocação da imagem. Recorda, deste modo, as aparições de Nossa Senhora de Lourdes em 1858, também elas numa gruta, em

⁴ Veja-se a fotografia da autoria de Olivério Teixeira. Disponível em: sanfinsdodouro.wordpress.com/santuario-de-nossa-senhora-da-piedade/. Acesso a 30 de março 2022.

França, e que contribuem, entre outros fenómenos – aparições da Virgem em Salette, Fátima; Dogma da Imaculada Conceição e Assunção – para o grande sucesso do culto Mariano na época contemporânea.

A chegada ao recinto é marcada por uma fonte, sendo a presença da água constante e vital à existência de um santuário e de “importância transcendental para as comunidades rurais, agrícolas” (Duarte, 2019: 59), assumindo como regeneradora e purificadora, do corpo e espírito do romeiro. Este elemento está fortemente associado ao cristianismo, como a *soma universal das virtudes* (Eliade, 1957: 108), as águas existiam antes de Terra “Que exista um firmamento no meio das águas para separar águas de águas” (Gênesis 1:6) e apresenta-se como elemento-chave do batismo, ritual de iniciação do Homem ao cristianismo. De igual modo, a presença da água à chegada permite ao peregrino refrescar-se, ajudando também a enfrentar as maleitas de que padece. Tem, assim, uma forte presença na experiência sensorial do devoto, marcada, antes de mais, pelo som, seguida do tato e do palato, aos quais confere frescura. Assim se inicia a derradeira parte de ascensão, o escadório, que aqui se assume como monumentalização de todo o percurso. Este termina em frente da capela principal (foto 5), “simbolicamente o fim da caminhada e local maior para a meditação dos peregrinos” (Massara, 1988: 24).



Foto 5 - Escadório de acesso e capela de Nossa Senhora da Piedade. Fonte: A autora.

4. Romaria

O estudo de romarias, pela devoção que lhes dá origem e pela festa que as acompanha, não pode limitar-se ao conhecimento da “pura experiência interior” (Almeida, 1979: 172), mas pela fé. É-lhe igualmente importante o espaço onde esta vive

e transforma os que desta experiência fazem parte e o contexto social em que se inserem. É um cruzar do tangível e intangível, implicado na «saída da duração temporal «ordinária» (Eliade, 1957: 65).

As romarias de maior popularidade e onde se podem encontrar as “mais expressivas e notórias vivências de religiosidade popular” (Almeida, 1984: 75) acontecem não nas igrejas, mas em *capelas, ermidas ou santuários*. A academia tem vindo a desprender-se da noção que considerava como universos paralelos e diversos de religiosidade as práticas a religiosidade dita *popular*, como algo praticado pela comunidade, à margem de, e a religião instituída pela igreja. Procura-se, desta forma, compreender ambas como práticas de religiosidade, tendo por denominador comum a devoção.

Segundo Geraldo Coelho Dias, as romarias – uma das tipologias das festas marianas, entre peregrinações, festa de igreja e festas mistas – são festividades de caráter mais alegre, tendo na caminhada à igreja ou capela o seu ponto alto (Dias, 1987: 248). A festividade em estudo enquadrar-se-ia na “romaria regional” (Sanchis, 1983: 39-40), pela sua dimensão alargada, abrangendo localidades vizinhas. “[...] faz-se em dia fixo [...] [e] os seus elementos estruturais são a igreja ou capela, a romagem, o romeiro, os actos de culto (missa, sermão, procissão, promessa)” (Dias, 1987: 248). Para a mente dos crentes, as romarias funcionam como *isótopos* do divino. Neste sentido, “o último quartel do séc. XVIII viveu uma certa euforia religiosa com a criação de muitas festas populares em honra de Nossa Senhora e dos Santos” (Dias, 1987: 230), sendo a imagem da divindade o centro das atenções e todos procuram vê-la e tocá-la.

O programa festivo é diverso e resulta da combinação de momentos religiosos – missas e procissões – e mais lúdicos – concertos, teatro, fogo de artifício –, pelo que os devemos encarar como manifestações que compõem no seu conjunto a romaria e não as dissociar. Neste sentido, as pessoas deslocam-se para se purificarem, se for o caso, cumprirem promessas e, em igual dimensão, confraternizarem. Como dá conta a *Ilustração Transmontana* de 1909: “Ao ar livre arma-se o teatro, para se representar o drama “Marquez de Torres Novas” escrito por Camillo Castello Branco, [...] Tudo á altura! Festa d’igreja, arraial e comedia [...]” (Ilustração Transmontana, 1909).

O santuário que, por norma, se vê como centro de peregrinação durante o período festivo, partilha, no caso sanfinese, essa dinâmica com o centro da vila, na medida em que no santuário se inicia e termina a romaria, mas as restantes manifestações têm lugar

na praça junto da igreja paroquial. É de notar que a devoção a Nossa Senhora da Assunção, padroeira da paróquia, não possui festividades de semelhante amplitude.

As romarias têm o seu momento mais solene na procissão. Esta é “uma forma pública [...] de louvor, súplica, penitência ou agradecimento” (Gouveia, 2000: 67), motivo pelo qual os fiéis participam desta manifestação. As suas motivações são, acima de tudo, uma forma “de manifestar a fé num determinado intercessor” (Gouveia, 2000: 68), a par da notoriedade social associada à participação, em carregar o pódio, andor, ou cruz, como elementos marcantes de devoção. Criadas de e para os paroquianos, têm em si um caráter de unidade e reunião da comunidade, que ao quotidiano se opõe.

“As festas são, por natureza [...] vivências dramáticas, que têm o centro hierofânico na procissão, de todo o grupo no seu espaço” (Almeida, 1979: 173)

A vinda da imagem de Nossa Senhora à vila acontece em três procissões. Uma primeira, na manhã de domingo de festa, denominada de *Procissão do Encontro*, em que a Nossa Senhora sai do santuário, momento marcado pelo som dos morteiros. Estes surgem como complemento aos sinos, um som vigoroso que se faz ouvir em toda a vila e serve de aviso, de notícia, à semelhança da função das campainhas (Almeida, 1966) e a sua primordial razão de existir. O andor é então carregado pelo grupo que no presente ano o arrematou, tendo assim a honra de o transportar⁵. Contemporaneamente, sai uma segunda procissão da igreja paroquial composta por andores de diversas santidades, vindo as duas a encontrar-se a meio do percurso e recolhendo à Igreja Paroquial, onde permanecem até meio da tarde.

É de notar que o percurso que Nossa Senhora da Piedade faz consagra o território, na medida em que contorna a parte noroeste da vila – na primeira procissão –, pelo que no completar das procissões (foto 6), a imagem percorre um trajeto em torno do centro da vila, percurso no qual são frequentes marcas de sacralização tais como cruzeiros, alminhas ou pequenos oratórios.

⁵ A arrematação do andor acontece entre dois grupos, denominados de *novo* e *velho*.



Foto 6 - *Percurso das procissões*. Amarelo: Capela de Nossa Senhora da Piedade e Igreja Paroquial. A vermelho: Procissão do Encontro; a rosa: Local do Encontro; a azul: Percurso da procissão que vai ao encontro e Procissão de Gala; a verde: Procissão de regresso ao santuário. Fonte: A autora.

A *Procissão de Gala* deve começar com o tanger dos sinos, aos quais se junta a banda filarmónica que abre o cortejo, seguida de outras bandas, fanfarras e grupos de bombos. No seu conjunto, estes anunciam a todos os que aguardam que esta se aproxime. Simultaneamente, as cores das colchas nas varandas e janelas conferem às ruas uma nova e efémera roupagem (foto 7). Este apelo aos sentidos transporta-se também aos vários andores, de diversas santidades – encerrado pelo de Nossa Senhora da Piedade – que, pela avultada quantidade de flores que os ornamentam (foto 7), espalham um diferenciado odor floral. Este tipo de ornamentação é de utilização recente. Há registos fotográficos nos quais os andores, de alçado mais elevado e esguio, eram revestidos com um trabalhado de recortes em papel.



Foto 7 - *Procissão de Gala (2021). Andores com flores; Colchas*. Fonte: A autora.

No tempo mais alargado das festividades, o centro urbano da vila vê alterada a configuração dos seus espaços públicos e das vivências que nele se desenvolvem, entre os quais são de maior impacto os arcos que alteram visualmente as ruas, conferindo cor e brilho, mas também uma nova noção de espacialidade a quem os atravessa. A par destes, as estruturas que se montam para receber o palco, ou os lugares de venda, alteram também a organização do espaço.

Um outro fenómeno que invade a vila em tempo de romaria é o grande número de romeiros que se deslocam. Estes viam na devoção a Nossa Senhora da Piedade um escape à rotina e ao trabalho que os acompanhava por todo o ano. A ida ao santuário era também uma forma de levarem proteção, para si e para as suas colheitas. Não havendo a facilidade de locomoção que os dias de hoje proporcionam, as famílias preparavam-se para ir e ficar o dia todo, dependendo da distância, poderiam mesmo pernoitar.

“Muitas vezes ir à romaria vem de tempos muito recuados, tão recuados que já se introduziu o hábito anual deste «passeio»/festa, no seu sentido totalizante e englobando o religioso” (Gouveia, 2000: 71)

Considerações finais

Estudar as dinâmicas do espaço sacro é compreender de que forma o território partilha e se molda ao receber manifestações de religiosidade e fé. Neste sentido, revela-se importante o estudo da comunidade e das vivências que se desenvolvem e sobrevivem no seu seio e, de igual modo, abarcar as diferentes devoções à luz do tempo, como profundamente dependentes do contexto sociocultural dos seus praticantes.

O presente estudo possibilitou, face à escassez documental, explorar outras fontes como os registos paroquiais, tendo igualmente um grande suporte em fotografias, como registo documental fiel dos acontecimentos ou, ainda, reportagens.

Cabe ainda lembrar que, apesar do santuário ser dedicado a Nossa Senhora da Piedade, que lhe dá nome, este acolhe outras devoções: ao Calvário, a Nossa Senhora da Lourdes, a Santa Bárbara, a São Pedro e São Paulo, mas também a Nossa Senhora de Fátima que se encontra nas imediações da capela. No conjunto, todas elas contribuem para a sacralização do monte e agregam ao fenómeno devocional, pelo que o culto a uma divindade não anula as restantes.

Por último, é de destacar que a devoção a Nossa Senhora da Piedade ultrapassa o espaço *fechado* do santuário, acompanhando o sanfinense no seu quotidiano, sendo poucos os que não se fazem acompanhar – no carro e em casa - da imagem da Virgem como forma de proteção.

Fontes:

Arquivo Distrital de Vila Real, Paroquiais, Paróquia de Sanfins do Douro, Registo de Baptismos, Livro 4, PT/ADVRL/PRQ/PALJ12/001/004

ILUSTRAÇÃO TRANSMONTANA (1909), *Tempo de Festas*. pp. 158.

SIPA, Capela da Senhora da Piedade / Santuário da Senhora da Piedade Portugal, Vila Real, Alijó, Sanfins do Douro, registo IPA.00011988

SANTA MARIA, Agostinho de (), *Santuário mariano, e historia das imgs milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente aparecidas, em graça dos pregadores, & dos devotos da mesma Senhora*, Lisboa, Na officina de Antonio Pedrozo Galraõ, vol. I-X [consulta em 09/05/2022]. Disponível em: <

archive.org/search.php?query=santuário+mariano&sin=>

Sanfins, in CAPELA, José Viriato, coord. (2006), *As freguesias do Distrito de Vila Real nas Memórias Paroquiais de 1758. Memórias, história e património*, Braga. p.150-151.

Referências bibliográficas:

ALEIXO, João Romero Chagas (2014), *O Culto a Nossa Senhora da Piedade, Mãe Soberana dos Louletanos, em Loulé (1806-2013)*. Tese de mestrado em «História Contemporânea», Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1966), “Carácter Mágico do Toque das Campainhas. Apotropaicidade do som”, *Revista de Etnografia*, vol. 6, tomo 2, nº 12 (Abr.1966) p. 339-370

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1979), “O Culto a Nossa Senhora, no Porto, na Época Moderna. Perspectiva Antropológica”, *Revista de História*, vol. 2, pp.159-173.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1984), “Religiosidade Popular e Ermidas”, *Religiosidade Popular*, nº6.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1994), *A Penha e a Senhora da Lapinha. Elementos para a compreensão da religiosidade popular. Santuário de N^a S^a da Penha. Simpósio Mariológico*, Braga, Universidade Católica Portuguesa. Irmandade de N^a S^a do Carmo da Penha.

AZEVEDO, Carlos Moreira, dir. (2000), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores.

BAZIN. Germain (1971), *O Aleijadinho e a Escultura Barroca no Brasil*, Rio de Janeiro, Recorde.

CAPELA, José Viriato, coord. (2006), *As freguesias do distrito de Vila Real nas Memórias Paroquiais de 1758 : memórias, história e património*, Braga.

CHRISTIAN, William A.(1976), “De los santos a Maria: panorama de las devociones a santuarios espanoles desde el principio de la Edad Media hasta nuestro días”. In *TEMAS de Antropologia Espanola*. Madrid, Akal, pp. 49-106.

DIAS, Geraldo Coelho (1987), “A devoção do povo português a Nossa Senhora nos tempos modernos”, *Revista da Faculdade de Letras- História*, II série, vol. 4, pp. 227-253.

DUARTE, Joaquim Manuel Calheiros (2019), *A religiosidade entre o Vale de Besteiros e a Serra do Caramulo: memória(s) do sagrado e profano*. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (dissertação de mestrado).

DUPRONT, Alphonse (2013), *Du Sacré: Croisades et pèlerinages - Images et langages*. Paris, Editions Gallimard (e-pub).

GOUVEIA, António Camões, Procissões in Carlos Azevedo (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa, Círculo de Leitores, vol.3, p. 67-72

LIMA, José da Silva “Peregrinações” in Carlos Azevedo (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal...*, Lisboa, Círculo de Leitores, vol.3, 429-436.

MAGALHAES, Joaquim Romero (1985), “A Mãe Soberana (Uma interpretação)”. *A Voz e Loulé*, n.º 1.034, de 25 de Abril de 1985, p. 4.

MASSARA, Mónica (1988). *Santuário do Bom Jesus do Monte - Fenómeno Tardo Barroco em Portugal*. Braga: Confraria do Bom Jesus do Monte.

NOÉ, Paula (2008), *Capela da Senhora da Piedade/ Santuário da Senhora da Piedade*, Vila Real, Alijó, Sanfins do Douro, registo IPA.00011988, SIPA [consulta em 15/10/2021].Disponível em:

www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=11988

PENTEADO, Pedro (2000), Santuários in Carlos Azevedo (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa, Círculo de Leitores, vol.4, p. 164-178

PEREIRA, Pedro (2019), “Empurrar a Senhora para Casa – o caminho dos peregrinos no culto à Senhora da Saúde em Portugal”, *Estudos de Religião*, nº2, vol. 33.p.197-219

RAMOS, Ana Sofia Oliveira da Silva (2016), *Da anunciação à Virgem da expectativa: imaginária e iconografia entre o Românico e o Barroco em Portugal*. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (dissertação de mestrado).

ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (1992), “Construção de Capelas pela Irmandade do Senhor dos Passos – uma Via Crucis no espaço urbano”, *Revista Poligrafia*, pp. 65-85.

SANCHIS, Pierre (1983) *Arraial: Festa de um Povo. As romarias portuguesas*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.